

Gaiato

15 DE SETEMBRO DE 1973
ANO XXX — N.º 770 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

A CULTURA DOS POBRES

Com este título lemos, há tempos, em um verpertino lisboeta, artigo de temática interessante, ainda que — com pena o digo — achássemos a sua exposição pouco clara.

À guisa de introdução, talvez da responsabilidade da Redacção do Jornal, escrevia-se:

«A Cultura dos Pobres não é simplesmente uma consequência da privação ou desorganização, uma expressão que designe a falta de alguma coisa. É uma cultura no sentido antropológico tradicional: dota os homens de um projecto de vida, de soluções para os problemas humanos e tem, assim, uma significativa função de adaptação. Este estilo de vida transcende as fronteiras nacionais e as diferenças regionais, urbanas e rurais no interior das nações. Qualquer que seja o local, os seus detentores manifestam uma notável semelhança nas estruturas das famílias, nas relações interpessoais, nas despesas que fazem habitualmente, nos sistemas de valores e no sentido do tempo.

A escassez de estudos sobre a Cultura da Pobreza é um indicador da insuficiente comunicação existente entre os muito Pobres e aqueles que, pertencendo à classe média, têm, em grande parte, a responsabilidade da execução dos programas de combate à Pobreza. Uma grande parte das normas de conduta integradas na Cultura dos Pobres vai contra os ideais perfilhados pela maior parte da sociedade.

O conceito de Cultura da Pobreza pode ajudar a corrigir certos equívocos na atribuição de características singulares aos modos de conduta de grupos étnicos, nacionais ou regionais. Pensou-se, por exemplo, que a grande frequência do concubinato e de agregados onde a mulher é

o chefe de família seriam traços particulares da vida familiar dos negros dos Estados Unidos, uma consequência histórica da escravatura a que estiveram submetidos. Ora acontece que estas características de agregados familiares exprimem traços essenciais da Cultura dos Pobres e se encontram em povos muito diversos, em

diferentes partes do mundo, e que nunca foram submetidos à escravatura. Se bem que já seja possível fazer tais generalizações, ainda há muito a aprender neste domínio. A falta de estudos antropológicos intensivos sobre Famílias pobres pertencentes a uma grande variedade de contextos nacionais — particularmente, a falta de tais estudos nos países socialistas — constitui uma séria dificuldade para a formulação das constantes da Cultura da Pobreza.»

Esclarecedora, sim, me parece, esta síntese da narração desenvolvida pelo Autor do artigo, quando «pretende circunscrever os traços característicos da Cultura dos Pobres e explorar as relações entre esta sub-cultura e a sociedade global».

Creio que o trágico do problema consiste neste perigo de instauração de uma forma própria de conceber o mundo e a vida, significando e cavando abismo de segregação entre os Pobres e a «sociedade global». Não se trata de diferenças simplesmente explicáveis por carências materiais que, uma vez supridas, estabelecem a ponte entre os dois grupos humanos. Há necessidades duradouramente sofridas, que provocaram um

Cont. na TERCEIRA página

Gravíssima escassez

de papel de jornal

O mercado de papel de jornal está um verdadeiro caos!

Há meses, quando abordamos o problema, sucintamente, confiávamos numa possível intervenção — para regularização eficaz do abastecimento do mercado. Mas afinal as coisas vão de mal a pior!

Desconhecemos, em pormenor, os meandros dos grandes interesses — e dos que motivam a própria crise...

No caso particular do nosso País, o porquê da míngua parece ser os dois milhões de contos de pasta exportada o ano passado. E quanta sairia durante o ano corrente? Há outros porquês? Tabú!

Ora vejam como isto anda: Da última remessa de 500 resmas («uma agulha num palheiro...»), recebida em fracções, o armazenista pediu-nos 50 emprestadas para servir

Cont. na TERCEIRA página



Escrevo diante de uma grande equipa de construtores. Estamos na Praia de Mira a erguer uma casa à beira-mar. Pai de Padre Acácio orienta. É um mundo de vida.

Ao apelo feito aos nossos rapazes para que durante as férias se oferecessem para as obras, sacrificando parte dos dias de repouso na floresta ou na água do mar, um grande grupo se veio oferecer. Saboreámos, com alegria profundamente interior, esta oferta. Um dia, ao levantar, debaixo da porta do quarto onde durmo, encontrei um papelinho: «Ofereço-me para ajudar na construção da nossa casa da Praia de Mira e peço umas férias mais duras, pois não aproveitei bem o ano de estudo e não mereci a nota que me deram na passagem».

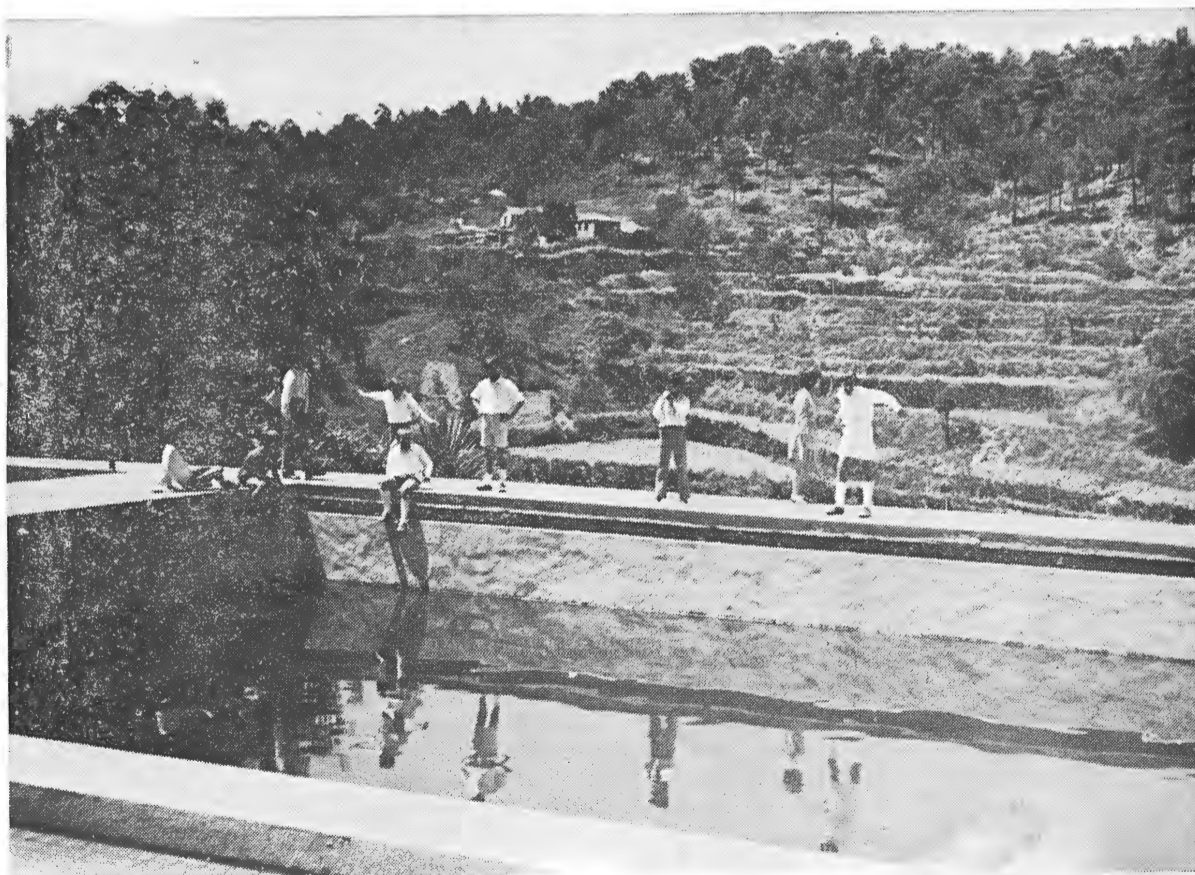
Beije aquela mensagem e agradei ao Senhor o dom deste filho que o pai e a mãe abandonaram e que durante o ano lectivo foi sacrificado.

Havemos de merecer esta casa que será mais uma ajuda na construção do corpo e do espírito de homens de amanhã. Temos consciência de que não é um bem supérfluo, mas mais uma arma ao serviço da paz, na construção dum mundo melhor.

Esperámos muitos anos que esta hora chegasse. Corremos casas alugadas e insuficientes e locais de acampamento. Tivemos retiradas colectivas motivadas por epidemias. Também sabemos que nos custará o ambiente de boas horas na descontração do arvoredo que continuará a ser nosso vizinho acolhedor.

A Câmara Municipal de Mira pôs à nossa disposição um terreno espaçoso e central. Os técnicos da Câmara e Amigos deram logo o seu sim generoso. Os responsáveis por uma pedreira acolheram o nosso pedido. O Serviços Florestais hão-de continuar a ser amigos como têm sido. Os Irmãos Louro ofereceram ajuda nos transportes. Um vizinho, com terreno confinante, veio no primeiro dia com um

Continua na TERCEIRA página



UM ÂNGULO DA PISCINA DA NOSSA ALDEIA DE PAÇO DE SOUSA.

PELAS CASAS DO GAIATO

LOURENÇO MARQUES

Victor é o seu nome, com dois anos de idade, mulato, uma autêntica bola de carne; «uma maneira de dizer, vista a sua constituição».

Este é um dos tantos infelizes de que as mães e pais se desfazem, para que não possam dar trabalho, nem maçadas, em suma.

Hoje vive feliz, visto a sua mentalidade infantil não atingir a causa porque veio parar à nossa Obra.

Será a mentalidade dos pais do Victor superior à dele? Qual seria o amor deles para com o Victor até aos dois anos, e depois abandoná-lo? O que seria do Victor se não houvesse a Casa do Gaiato?

Todos nós, cá em Casa, procuramos dar-lhe o amor, o carinho para que se sinta feliz no meio da sua nova família. Um amor que nunca chega a ser superior ao dos pais com paciência, com amor aos filhos e que vivem para os criar. Mas é sem dúvida nenhuma superior ao amor dos pais do Victor, e de outros tantos que vivem por esse mundo fora. Os quais fazem infelizes, porque nem em todo o lado há uma Casa do Gaiato.

Como seria bom se a Casa do Gaiato não existisse, pois seria sinal que não havia Miséria por esse mundo fora!

Enfim, nunca será possível esse milagre porque muitos já se mentalizaram de que a nossa Obra e muitas outras no género foram feitas para criar os filhos de quem não quer ter trabalho para isso...

José Manuel dos Santos

AZURARA

A malta do 4.º turno já gozou as suas férias — de que tanto necessitava.

Os primeiros dias não foram em beleza. Sofremos um denso e serradíssimo nevoeiro.

O tempo foi melhorando, gradualmente, até chegar a esaldar a nossa pele fina e macia.

Tomámos banhos nas ondas infinitas do mar e para descontraír o organismo íamos depois tomar outro banho, de sol quentíssimo.

Brincámos de variadíssimas maneiras: correndo e saltitando na areia; jogando à bola; modelando figuras de diversos estilos, algumas de ordem histórica; procurando conchas. Enfim, tivemos umas férias de categoria!

O nosso turno foi de trinta rapazes. Soubemos todos aproveitar esses quinze dias de repouso físico, que se processou da melhor maneira e oxalá que para o ano de 1974 venha a ser tão bom ou melhor, se possível.

Um forte abraço para todos os amigos, leitores do nosso Jornal.

Djau



Praia de Mira

Neste nosso acampamento encontra-se agora o grupo mais alegre e mais irrequieto; são os mais pequeninos. É o Tó com uma corda entrelaçada no pescoço e passando sob as axilas e que o Quim puxa com ar sério e dando alguns gritos como se fora um cocheiro de outrora. É o João Paulo e outros que procuram sempre a bola no meio dos paus que se encontram ao redor do acampamento ainda que eu os tenha proibido de jogar aqui a bola... Aí vem o Tó.

— Ó Lita, o Aníbal tirou-me o pau.

— Qual pau?

— O que eu tinha a servir de carro.

O Aníbal deu-lhe o pau e lá vai ele imitando o ruído dum automóvel e com uma saca de plástico na cabeça. É mais o Joãozinho que, por não estar quieto, arreventou agora mesmo a barraca por ele habitada. É a nossa bomba que nunca está quieta, manipulada pelo «Palhacito» e pelo «Nana»; andam sempre molhados!

Na hora de ir para a praia, basta que eu o diga para logo se ouvir em uníssono: «Prá praia!». E lá vão todos pelo carreiro, no meio da floresta, e é um instante enquanto se lá põem. Os últimos a chegar são os que levam numa padiola o Carlos que nos veio do Instituto e que não pode andar devido a uma paralisia infantil de que foi vítima.

À noite, quando vêm para casa, digo, o acampamento, não se apressam até que cheguem os últimos... Não gostam de deixar o mar e aqui, além da brincadeira, só os atraem os serões feitos na Casa da Sagrada Família, nos quais também por vezes tomam parte; serões estes feitos por pequenitos como eles, de férias.

Da Casa da Sagrada Família vêm-nos quase todos os dias mimos e comer. São muito nossos amigos.

Bom, o Joãozinho acabou de consertar a barraca; tenho que ir ver se está bem e por aqui fico. Se quiserem ver um grupo alegre e irrequieto visitem-nos. Já sabeis onde estamos, neste último ano de acampamento. Esperamos no próximo já habitar a nossa nova casa.

Lita

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Sabem os responsáveis — sabemos-lo todos — como o analfabetismo crónico de grandes massas adultas é um mal terrível. Dizem que se está preparando algo para o diminuir. Boa cruzada!

Não falemos já do analfabetismo a nível mundial... Segundo os resultados de um inquérito de especialistas — que nos passou pelos olhos — os números são pavorosos!

Isto vem a propósito de um trabalho vulgar, enquadrado em nossa missão: suprir a falta do a, b, c em rurais que precisam d'ajuda.

Uns pedem o preenchimento de verbetes estatísticos. Como aquele que findara, há pouco, a construção da sua moradia — com a ajuda de mãos amigas — caldeada de suor, de lágrimas, de renúncias penitenciais.

Visitámo-lo ontem, no roteiro de vários Pobres. Ele abria caboucos para murar o escasso quintal. E deliciámo-nos com a segurança da construção, com a beleza do local; mais ainda: com as rasgadas e amplas divisões da casa!

Os olhos do homem, agora, começam a rir... E a mulher, aflita, pedia desculpa do desalinho da casa! Nos caboucos, a descoberto, era o braço direito do marido...

Vimos outros a *sangrar da crucifixão*. Parávamos. Abreviávamos falas. O tempo deles, conta. Um estava no monte, escolhendo uma árvore oferecida por lavrador amigo...

Avaliando bem as dificuldades, as grandes dificuldades destes heróis, comentamos sempre para os nossos botões — e seríamos incoerentes se o não revelássemos — como todas as instâncias, todas!, deveriam aplanar caminhos, simplificar e, porque não?, compartilhar a auto-construção espontânea. São os que choram o preço das licenças, dos projectos, dos impostos (neste caso o absurdo do Fundo do Desemprego...) e doutras grilhetas. Como as que presentemente sofrem os que precisam de nesga inculta — em terrenos não loteados — e arrefecem com os tremendos obstáculos da lei. Seria bom o legislador não andar para a frente sem estudar, pormenorizadamente, os casos particulares dos auto-construtores, que são uma grande Força da Nação... Há sempre tempo de arripiar caminho — em benefício do fomento da habitação. Agora, com uma Secretaria de Estado.

Fechemos o longo parêntesis e continuemos o fio da meada — o analfabetismo.

Além do preenchimento de estatísticas, há os que nos pedem a mão para rascunhar requerimentos de toda a ordem. Mas o grosso da coluna é a amálgama burocrática da Previdência. Suamos as estopinhas! Aparece o queixoso da pensão que se extravia; o dos subsídios que não chegam sem montes de papelada, quanta dela para encher a Torre do Tombo e mais nada. Etc. Se tudo, porém, fosse exigido duma só vez, custava, sim, mas não seria tanto. Assim, pedindo hoje uma data de documentos, amanhã (dias depois...) outro ou outros, é exigir demasiado dos cidadãos para o reino da papelândia!

Os Beneficiários do meio rural — diria Sacrificados, pelas suas carências — às vezes não se seguram. Contestam à sua maneira: e sempre delicadamente. Seria tão cristão se aliviassem o caminho da papelada!

Júlio Mendes

Paço de Sousa

NOVA GARAGEM — Junto à antiga garagem, estão a rolar em grande marcha, as obras da nova

garagem. Como a antiga não era muito prática, onde nem sequer cabia a nova carrinha, planeou-se, e muito bem, executar uma nova garagem, um lugar que penso ser bastante propício.

O tractor tem a sua, perto da serralharia. E ainda bem...

ANO LECTIVO — Seguem para o Lar do Porto mais 6 rapazes, com o curso da Telescola, que se matricularam no Liceu.

Depois de terem dado provas razoáveis, ao longo destes dois anos, foi resolvido que continuassem a estudar, satisfazendo os seus desejos.

É preciso aproveitar todos os recursos oferecidos como salvaguarda do nosso futuro.

Findo o ano lectivo da Telescola, como os leitores sabem, nem todos vão para o Lar, por terem ultrapassado os anos limite.

Pergunto: Estes como estudarão? Quais as possibilidades? Seria bom que o Ensino Liceal nocturno bafesasse as chamadas pequenas cidades e vilas provincianas...

VISITANTES — Estamos no fim do Verão, perto do Outono. As árvores come am a expulsar as folhas amareladas. Toda a Natureza se transforma num espectáculo emocionante, de encantos incomparáveis. No Verão fomos muito visitados, especialmente aos domingos, e uma vez por outra à semana. É interessante e significativa, a romaria de pessoas que vagueiam pelas ruas da nossa

Aldeia. Amigos leitores, continuem a visitar-nos! Os portões encontram-se abertos. «Nós somos a porta aberta.»

PARTIDAS — Partiu, há semanas, para Moçambique, onde irá cumprir serviço militar, o Arménio Safanete nosso colega do Lar do Porto. Endereçamos-lhe um voto de muitas felicidades, para a sua estadia por terras de África.

FÉRIAS — Encontra-se junto de nós a passar férias na casa da Mata, o Abel, motorista da nossa Casa do Tojal. Com esta mudança de ambiente, esperamos que ele e a família beneficiem o máximo, a fim de adquirir forças suficientes para um novo ano de trabalho.

No tempo de férias cada pessoa escolhe onde passá-las. Uns preferem a praia, outros a montanha. Em nossa Casa todos os anos é costume ir para a praia.

Não haveria possibilidade de satisfazer o gosto de alguns pela montanha?

VIAGEM A ÁFRICA — O nosso Padre Carlos, parte brevemente para o Ultramar, em serviço. Vai permitir férias aos nossos Padres de Malanje, Benguela e Lourenço Marques; e, naturalmente, por função do cargo, resolverá assuntos pendentes, de cada uma das nossas Casas.

Henrique

Setúbal

Estou a terminar a minha época de peditórios nas praias. Em quase todas as Igrejas e comunidades preguei Cristo — Pão da Vida — alimento da consciência, do coração e do ideal do homem, mas Cristo Vivo — Ressuscitado — comprometido hoje, com os problemas dos homens.

Alimentei as comunidades, tornando a sua fé um compromisso? — Creio que sim. As dádivas com que nos mimosearam são indício de que a Palavra de Deus lhes encheu o coração. Numa das igrejas em que falei forte e rijó uma dúzia de vezes, pondo bem em evidência o compromisso de Jesus com o Pobre abandonado, o primeiro responsável da paróquia anunciou em todas as celebrações a realização de um chá-canasta, promovido pelas

senhoras da Conferência vicentina a favor dos «nossos» Pobres. Não consegui evitar que sempre sentisse a espinha dorsal a gelar. Não tive a coragem de enfrentar o Padre e lhe expor quantas realizações como as que anunciava nas Missas, podem desvirtuar o amor. Não tive. Vim gelado e triste! Os Pobres continuam a ser vítimas e ocasião de divertimento até de homens que celebram a Eucaristia, só porque não temos a coragem de acreditar na Ressurreição. Jesus continua a ser um passado. Uma personalidade histórica, embora divina, mas passada. Não um comprometido actual com os nossos Irmãos. Precisamos de nos divertir de uma forma vã, para dar das nossas sobras, ao Irmão precisado?!...

Padre Acílio

A Cultura dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA página

projecto de vida, soluções para os problemas dos homens, uma adaptação a condicionalismos reais. E isto imprime carácter, que passa de geração a geração, que vincula o abismo, que dificulta a ponte.

Nós sabemos isto por experiência feita. Como explicar aqueles casos — não tão raros ou anormais, como seria desejável — do rapaz que, racionalmente satisfeito nas suas necessidades alimentares, precisa de um grande esforço, de um longo exercício de vontade, para se libertar da tentação dos restos, do lixo, do assalto à horta, da manducação directa de produtos imaturos ou conspurcados? Como explicar a dificuldade com que se chega a apreciar a água e o sabão, a roupa limpa, o dormir entre lençóis lavados? Como explicar a demora para tantos no atingir o apreço de uma casa arrumada, de um ambiente esteticamente equilibrado, o desgosto sensível e racional da desordem, do caos? Como explicar o regresso à viela, à promiscuidade da mansarda, de tantos que, ao longo de anos, viveram com sua cama própria e asseada, janelas rasgadas, por onde entra a luz e o sol, no meio de árvo-

res e jardins, ao ar livre e puro, sem restrições?

Não significarão estes factos — não tão raros e anormais como seria desejável — um atavismo, uma incapacidade de aderir ao lado de cá, mesmo quando se foi fisicamente transferido do sub-mundo da Miséria para o seio da tal «sociedade global»?

Sempre pensámos que o problema da Miséria não é apenas resolúvel pela abundância de meios pecuniários, porquanto ele é essencialmente um problema de educação, de cultura. Mesmo presentes os instrumentos materiais necessários e suficientes, o fosso entre a «sociedade dos Pobres» e a «sociedade global» não se colmata em uma ou duas gerações. Ele exige um esforço e uma dedicação apaixonada que os técnicos, só por força de o serem, não têm. Exige «pelicanos», prontos a dar do seu sangue para a profunda transfusão que é mister realizar.

Andamos agora com a reedição de «O Barredo». Temos acompanhado tão de perto Pai Américo nas suas deambulações pela «Grande Escarpa». Pois que sentido tinha este seu caminhar, que meta tinha ele em vista ao escrever os seus passos — senão chamar os ho-

mens responsáveis à consciência deste abismo que se vai abrindo e aprofundando sempre mais e que por isso mesmo é a obra mais urgente, é a obra primeira, aquela que não pode esperar?!

Também o alargamento da nossa experiência ao continente africano nos permite compreender e confirmar o que diz o Autor deste artigo a que nos referimos: «A maior parte dos povos primitivos atingiram um grau de organização socio-cultural mais elevado que o dos nossos contemporâneos vivendo em pardieiros urbanos». É verdade. Se uma diferença é óbvia entre a maioria dos nossos Rapazes europeus e africanos ao chegarem às nossas Casas, é a maior descivilização daqueles em relação a estes.

Que tema apaixonante para aprofundar, para conhecer! Que o façam os técnicos, sim, os que têm competência e receberam missão para estudar!

Mas depois, quando da maior abundância de «estudos sobre a Cultura da Pobreza», for mais possível o acesso à «comunicação entre os muito Pobres e aqueles que, pertencendo à classe média, têm, em grande parte, a responsabilidade da execução dos programas de combate à Pobreza» — então, esperem-se os «pelicanos», supliquem-se a Deus os «pelicanos». Sem corações rasgados não há salvação!

Aqui Lisboa

Supomos que não há ninguém com um mínimo de cabeça e de bons propósitos que não se regozige com o crescendo de oportunidades oferecidas aos que pretendem e podem valorizar-se intelectual e culturalmente. A situação discriminatória alicerçada nas disponibilidades financeiras ou no ter nascido neste ou naquele grupo ou clã constitui uma injustiça e, como tal, é deveras atentatória da dignidade humana. É curial que nem todos, porém, mesmo os potencialmente capazes, estarão dispostos a aproveitar as ocasiões oferecidas; mas é de elementar exigência social que os mais dotados de qualidades de trabalho e de inteligência possam afirmá-las para bem do todo.

Tem-se registado ultimamente um longo incremento das facilidades sociais concedidas aos estudantes de todos os níveis, enquanto o número de estabelecimentos de ensino se vai multiplicando celeremente. Alguns aspectos, todavia, causam-nos uma visão menos optimista sobretudo em relação ao que seria de desejar. Em primeiro lugar, e de longe, situa-se a qualidade do ensino, quer quanto aos seus agentes quer quanto aos progressos traçados, no seu teor e no plano da exigência havido. Posta de

lado a grave crise de ideal, presente hoje em todos os sectores e em todas as actividades, é notória a impreparação de muitos dos que ocupam o lugar de mestres. Por outro lado, a desejada simplificação dos antigos programas, tantas vezes obsoletos, à base quase exclusiva do recurso à memória e complicados, ter chegado ao extremo oposto, de nível demasiado baixo, inoperante sob o ponto de vista educativo. As bitolas classificativas, por outro lado, aliadas às directrizes de facilitação de cima, dão-nos a ideia de que basta quase um aluno matricular-se para passar de ano, tal o reduzido grau de exigências havido. Ora sem um mínimo destas não surgirá a qualidade e as legiões de inúteis e de gente sem fazer nada aumentarão, com as consequências supostas que estão à vista de todos.

Igualdade de oportunidades e lugar aos mais aptos não se opõem à qualidade de ensino. Caso contrário, estaremos a cultivar a mediocridade e a delapidar os bens da Nação. E, se é certo que crescendo a superficialidade se desenvolve a ignorância, fácil é adivinhar os resultados.

As escolas são para ensinar e educar; estudantes são aqueles que estudam. Edifícios mortos, sem alma, onde nada se transmite ou ensina para pouco servem; indivíduos com os livros debaixo dos braços que não estudam e vivem à custa das facilidades que a Nação lhes concede para se cultivarem são parasitas e não merecem o que lhes é oferecido. Esperemos que de facilidade em facilidade, porém, não se chegue à situação de mandar os «canudos» a casa ou de instalar nalguns pontos centrais postos de distribuição de diplomas...

Quem escreve estas linhas, além de ter à sua guarda 110 Jovens, que desejaria ajudar a instruir e a educar, sabe também, por experiência própria, quanto lhe custou um dia querer valorizar-se academicamente tendo necessidade de angariar simultaneamente o seu próprio sustento. Por um por outro motivo a razão das palavras acima, escritas a beira da Nação.

Padre Luiz

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA MOÇAMBIQUE



Página 3 15/9/73

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da PRIMEIRA página

cheque. Várias pessoas amigas têm vindo regalar-se a ver e deixam suas ofertas. Temos sido um número de interesse para alguns veraneantes.

Contávamos e continuaremos a contar com este acolhimento das gentes de Mira. Mira comprometida com a Obra do Padre Américo. Todos os anos há excursões. As nossas Festas na sua Casa do Povo são motivo de convívios escaldantes. Todas as

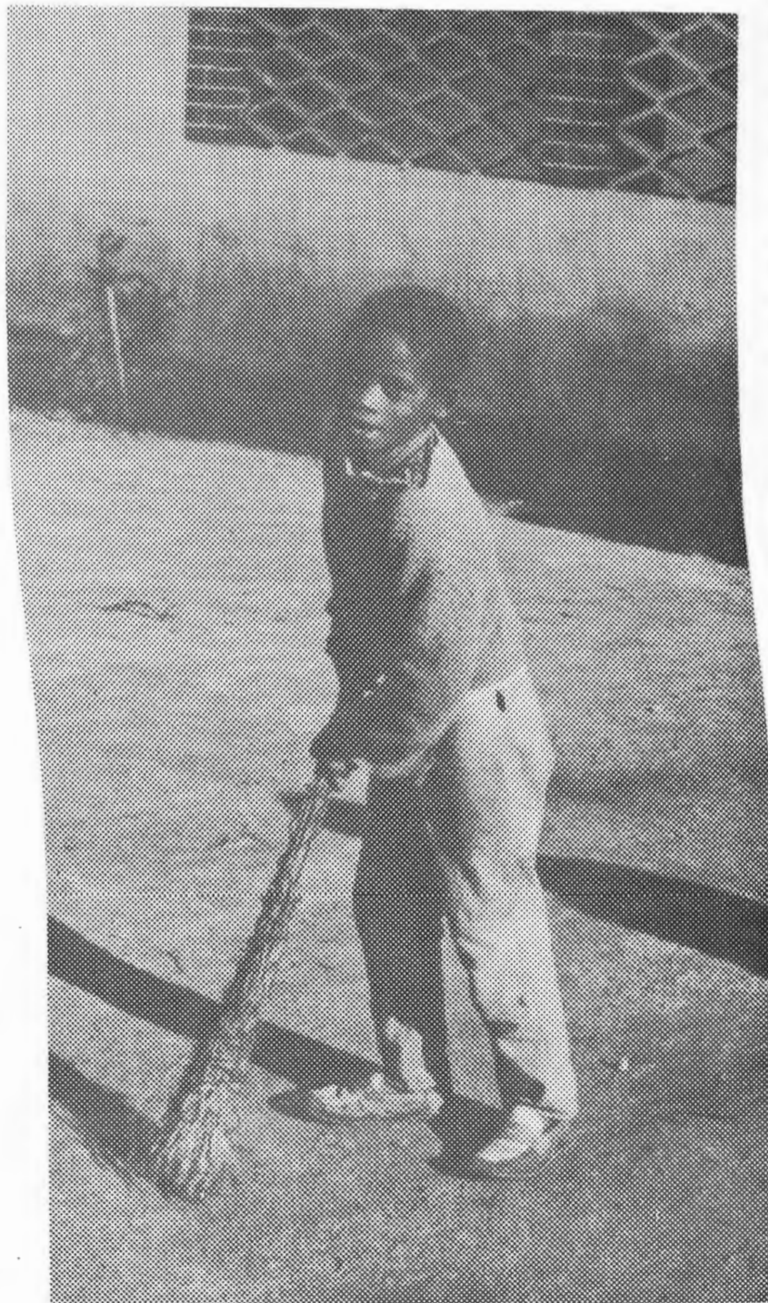
quinzenas vem uma pilha de «O Gaiato» para seus assinantes.

Padre Acílio e eu somos de Mira. Toda a gente olha com amor para os Gaiatos.

Vou continuar a deliciar-me com os Rapazes nos seus trabalhos: uns de colher de pedreiro na mão; outros de enxada e pá a preparar a massa; grupos com padieiros transportando materiais. Contemplando-os, peço ao Senhor a Sua benção para todos.

Padre Horácio

O João Manuel, de S. Tomé, cuida da limpeza — em nossa Casa do Tojal.



Gravíssima escassez de papel de jornal

Cont. da PRIMEIRA página

jornais na penúria! Agora, esgotado o nosso «stock» (cada tiragem 50 resmas = a 50.000 jornais), além de incitarmos o fornecedor a pressionar a fábrica, pedimos, é claro, a restituição. «Vamos mandar (com prejuízo...) dos tipos de papel melhor, de formatos diferentes». Já serviram na edição anterior. Mas quanto à atitude da fábrica, acrescentaram: «Nem dá resposta». Ora essa!

Quem tem obrigação de pôr as coisas no são? Não pedimos. Exigimos!

É que sem pão (alimento) ninguém vive. E sem papel não há jornais...

P. S. — Uma parte desta edição foi impressa em papel couché (não se escandalizem...) oferecido pela Fábrica do Almonda, como prova da sua velha amizade — muitas vezes provada. J. M.

Extremamente consolador para nós este intercâmbio que, às vezes ao longo de muitos anos, proporciona uma convivência autêntica, posto nunca nos tenhamos visto os convivas. Só por isso seria uma razão de b'ção este processo das Casas a prestações, que pelo tempo em fora permitiu a muita gente a construção de uma casa do Património; e hoje é título e estímulo para prosseguir um investimento que logo começa a produzir dividendo, à medida que o vamos distribuindo por aqueles heróicos Chefes de Família, pobres de tudo, menos de coragem, que se lançam na saudável aventura de construir uma casa para si e para os seus.

Do facto todos os Amigos que hoje fazem fila atrás deste pendão das Casas a prestações, sabem e acreditam que só por excepção, a sua casa será construída e assinalada por aquele nome com que a sua devoção a baptizou. Mas nem por isso esmorecem e continuam as suas remessas, uns até à meta da «antiga tabela», os doze contos; outros, actualizam o valor e dobram ou triplicam a partida; outros tomam-lhe o gosto e assumem esta renda, enquanto for possível. Bendito seja Deus!

Assim fazem: a Mãe do Rui que, dada sua idade avançada, nos pede que lembremos sua alma ao Senhor quando cessar sua presença, pois tal significará que Ele a chamou; e a Maria Antonieta, a Mãe das três Marias, uma das quais, a Rosarinha, também já partiu deste mundo, que talvez a não merecesse.

E como a «minha migalha, a pensar sempre nas sonhadas casas das Três Marias e Rosarinho (embora eu saiba que já não é esse o seu destino)» é pequenina, quase sempre move outros a juntarem a sua e assim, nos dois últimos envios, vinham 500\$00 de uma Senhora que é a primeira vez que aparece, e 800\$00 de outra pessoa amiga.

Do J. P. R. da Av. Rodrigues de Freitas tenho aqui sinal de 4x500\$00. Mas como ele envia em vale e às vezes nada diz, é natural que sejam mais.

A Casa de S. Carlos somou «mais duas pedras. Fica na 21.ª de 1.000\$00 cada».

«Romeiro do Porto» é um Pai de Família altamente colocado, de quem a vulgaridade julgará, talvez, que a vida lhe é fácil. Pois, porque não é assim, é que ele não esquece eficazmente a vida dos Pobres e aí está uma vez mais com esta tão cristã mensagem:

«Há tempos acabámos um modesto contributo de uma casa que arrumamos.

Agora, como um dos filhos fica formado e na esperança de um pouco de diminuição de despesas, vamos, com a ajuda de Deus, tentar outra casa, que poderá ser dedicada a S. José, a quem também invocamos. Será um pouco lento, mas com Deus, lá iremos.



AGORA

Para início vão 2.000\$00, sendo 1.000\$00 do 1.º ganho da filha mais velha.»

Mais mil de M. M. - A. L. que há tantos anos aqui desfila. O mesmo digo de Cruz, agora para a Casa de meu Pai. E da Maria Ana e Pedro (3x500\$) para a Casa do Espírito Santo, que afinal é «para mais uma telha que esteja a faltar nalguma casa».

De Luanda, mais 10 contos prestação para o conjunto de quatro casas sob a «denominação Jalusnea».

Do Porto, a Alice com 200\$00 + 300\$, as habituais gotinhas para a Casa de Santa Filomena. De Coimbra, duas «Areíhas de Amor», uma de 800\$, «que não é mais do que parte dos meus 15% de aumento; a outra de 20 contos, no Natal passado, fora metade destes que foram dar à nossa Casa de Miranda do Corvo.

No Montepio Geral em Lisboa, a Casa Rodíio cresceu, mês a mês, o total de 4.500\$; e a Casa da Tia Lai, 1.000\$. Além de 3.000\$ de Maria do Céu e 200\$ de «um Pecador» e 1.000\$ de Anónimo e 500\$ de Helena e 200\$ da Assinante 11.486.

A Casa de David fica na 15.ª prestação (Maio /73), a caminho dos «20.000\$ que me propuz enviar». A Casa dos Estudantes subiu 500\$. «Este ano é menos, pois um deles já está formado e o outro não passou.» Parabéns ao primeiro. Coragem e trabalho são os nossos votos para o segundo.

Da Capitania do Porto de Ponta Delgada: «Pelas minhas contas, acabo de mandar o 20.º vale de 1.000\$, destinado à comparticipação para uma moradia para Famílias necessitadas.

Julgo ter cumprido a minha promessa».

Certíssimo.

Fecha este grupo, com a última prestação de 1.500\$ da Casa Coroação, com que terminou o «Rosário de Casas»: 15 mistérios=15 delas, a 18 contos cada.

Demos agora a vez aos Avulsos: «Uma portuense qualquer» com 200\$. 3.000\$ da Família de A. F. Figueiredo; 1316\$10 de uma oficina de máquinas de escrever. 240\$ relativos a 1972, da Senhora que cultivava rosas e as vende para nós. 500\$ de Lamego, de quem «não teve oportunidade de no-los entregar quando lá foi

a nossa Festa» e com esta explicação:

«Tenho Caixa de Providência. Graças a Deus gozo de boa saúde mas, no Natal fiz uma despesa fora do normal com uma complicação de nariz e garganta. Veio como auxílio um quinto do que gastara. Passara tanto tempo que eu já equilibrara o orçamento. Resolvi entregar-lho. Não era muita generosidade. Acrescentei agora mais um pouco.

É a segunda vez que envio alguma coisa. Da outra estava na Figueira e na Missa um dos senhores Padres fez um apelo para as Casas dos Pobres com tanta premência que eu entreguei 10 vezes mais do que mando agora.

Desculpe-me o tempo que lhe roubei. E se pedem a Deus por pessoas como eu, faça-me o favor de Lhe recomendar que me ensine e dê oportunidade de ser generosa.

Compro o «nosso» jornal. Ele é «nosso»... Aquece-me o coração e empurra-me sempre um bocadinho. Que Deus lhe dê força para nunca desistir.»

De Pardelas, 240\$, eco da velha campanha dos 30.000x20\$. De Braga, 150\$ de um Pai de 5 filhos. «Sei que é pouco, mas é do meu suor.» Quer dizer: traz adubo!

De Torres Novas, 500\$ a juntar a 4.000\$ que já cá estavam. Da Rua Pascoal de Melo, em Lisboa, 5.000\$ «em memória de minha Mãe» e outro tanto pró Calvário. 50\$ de Mosteiró e cinco vezes mais «deste pobre pecador e vosso amigo». 700\$ e «gostaria que o meu subsídio de renda de casa deste mês tirasse de embaraços alguém a quem o problema pese mais que a mim». Ó luz, a irradiar por entre as trevas de tanto egoísmo! 1.000\$ de Aveiro, da M.ª de Lourdes. 200\$ da Assinante 1110 Outros 1.000\$ de Lagos. 200\$ de M.ª Valente. Juntamente com assinaturas, 500\$ de algures e 20\$ de Niza e 200\$ de um Economista e 3.000\$ do Assinante 17264 e 1.400\$ de Engenheiro amigo. 500\$ de Senhora de L.º Marques e 100\$ da «Mãe dum assinante» e 200\$ da R. S.ta Catarina — Porto e 100\$ da Av. Dr. Antunes Guimarães.

100\$ «das minhas filhas». Dez vezes mais, não sei de quem. 1800\$ de S.to António dos Cavaleiros, a cumprir «três anos já passados»; 50\$ da Figueira da Foz. O dobro «para a V. obra mais necessitada, pedindo perdão por tão poucas vezes vos ajudar». 1.380\$, «com a intenção de que Jesus me torne menos egoísta». Ó legendas!

Da Pr. de Damão — Lisboa, 1.500\$. 80\$ «para cumprimento de uma promessa» e «200\$ para renovação» de outra. 1.500\$ «para ser aplicado no que melhor entenderem». Outros 100\$ de promessa. Esta é de Viseu. Cinco vezes mais «para a Casa sem Nome», da Maria do Resgate. Que Deus a avivente ainda por muitos anos.

De um grande Amigo de Fimalcão, há muito em Luanda, que se reparte entre esta Casa e a de Malanje, 10.000\$00.

Mais 3.000\$, com esta carta:

«Desde a 1.ª hora, fui admirador incondicional dessa Obra ímpar e posso afirmar que conheci o seu Santo fundador nos anos de 1926, em Espanha, quando e' frequentou durante algum tempo o noviciado dos Franciscanos em Villarino de la Ramallosa. Nunca mais me esqueceu essa nobre figura. Mais tarde, ainda me encontrei com ele em Santiago de Cacém, quando aí foi em companhia do Júlio.

Sou assinante de «O Gaiato» desde longa data e nele hei havido superabundantemente doutrina do mais puro cristal tão útil para a minha vida. Serve-me de meditação. Na medida do possível, tenho-o procurado dar a conhecer aos outros no sentido de entrarem em contacto com a Obra do Padre Américo.

Como de costume, rogo a fineza e caridade de conservarem o total anonimato. Dou o para Deus, ninguém necessita de saber quem dá. Peço tão-somente umas preces pela alma santa de minha Mulher, em memória da qual envio esta oferta.»

Correspondência de Família

«Os nossos melhores votos de boa saúde na paz do Senhor. Nós ficamos bem, apesar deste ano termos sacrificado as nossas férias. Elas eram bem merecidas, mas como o avião era bastante dispendioso e o comboio muito inconfortável, resolvemos assim. Se Deus quiser no próximo iremos com mais vontade.

Obrigado pelas notícias que sempre são confortáveis, principalmente quando se está ausente.

As dificuldades financeiras não existem em especial quando se trabalha e vive uma vida modesta como nós. O conforto embora indispensável não o conhecemos por pensarmos regressar.

A nossa estadia já vai sendo longa; dez anos brevemente. Porém a nossa idade já não nos permite encontrar aí trabalho digno. Por vezes as dúvidas e desacordo surgem. Aqui ganha-se melhor a vida mas a qual preço. As condições de trabalho são péssimas, direi mesmo uma escaravatura, em

grimas nos olhos, tivemos de mudar. Ela tem um carácter bastante pacífico, mas pouco confiante no futuro. Eu, ao contrário, sou de natureza rebelde e não posso aceitar a maneira como por vezes nos querem tratar. Daí, o motivo porque as coisas nem sempre correm pelo melhor.

A nossa miúda fez 5 anos mas está muito magrinha porque sempre comeu muito mal. Depois, passa o dia inteiro na escola, o que é já bem duro para a sua idade.

Por vezes me pergunto a mim mesmo para que serve o dinheiro, sobretudo ganho nestas condições, em troca duma vida calma, mesmo modesta.»



Mais um casamento: Raúl e Alzira. Residem em Guimarães. Felicidades, deseja a malta de Paço de Sousa!